

dívida externa

OPINIÃO

ESTADOS UNIDOS

1996

Crescimento da dívida já chama atenção 05 MAI 1996

A dívida externa brasileira cresceu 46,8% entre 1989 e 1995, passando de US\$ 115,1 bilhões para US\$ 169 bilhões. No mesmo período, a receita de exportações aumentou 35,2%, de US\$ 34,4 bilhões para US\$ 46,5 bilhões. O descompasso não ocorre apenas no Brasil, mas também noutros países da América Latina. Se não há risco imediato, há pelo menos motivo para preocupação, alertam técnicos do Banco Mundial.

Apesar do envidamento acelerado, a relação entre juros e receita comercial melhorou para seis dos sete maiores devedores da região, entre 1989 e 1995. A exceção é o Peru. Há sete anos, os encargos financeiros consumiam 23% do valor de suas exportações. No ano passado, essa fatia correspondeu a 32,1%. Para a Argentina, para o México e para o Chile, o peso dos juros caiu à metade ou pouco menos. Para o Brasil, a melhoria foi menos sensível, com redução de 29,2% para 21,9% (*ver tabela*). Depois da crise dos anos 80, os três países voltaram mais rapidamente que o Brasil ao mercado financeiro.

Isso explica, embora parcialmente, a diferença de condições.

Embora os juros pesem bem menos que em 1989, quando comparados com o valor das exportações, as contas externas, para a maioria dos países latino-americanos, se tornaram mais vulneráveis a choques. Especialmente para as economias mexicana, argentina e brasileira, os programas de estabilização incluíram valorização cambial e grande abertura de mercado. O balanço de paga-

mentos ficou, assim, mais dependente do ingresso de capitais. Os recursos externos têm chegado principalmente na forma de aplicações financeiras de curto prazo.

A mudança foi especialmente sensível no caso brasileiro. Durante 10 anos, até 1994, foi possível manter as contas correntes do balanço de pagamentos praticamente equilibradas, com pequenas oscilações de um ano para outro. O superávit comercial geralmente bastava para cobrir

o déficit de serviços, derivado, na maior parte, da remessa de juros. Em 1995, houve déficit comercial e o desequilíbrio em contas correntes passou de US\$ 17 bilhões. Neste ano, o mero equilíbrio comercial está sendo visto com um bom avanço. Mas não é uma situação confortável, diante de um mercado financeiro internacional sujeito a grandes oscilações. Por enquanto, o capital externo tem afluído em grande volume à América Latina. A crise mexicana foi rapidamente superada. Mas um solavanco mais forte nas taxas de juros pode trazer problemas, afetando o rumo dos fluxos financeiros.

O Banco de Compensações Internacionais, de Basileia, Suíça, chama atenção para os grandes vencimentos neste ano e no próximo. Para os sete maiores devedores latino-americanos, US\$ 97,7 bilhões estão vencendo em 1996. Desse total, US\$ 28,6 bilhão são a fatia do Brasil. Nada muito assustador, mas uma situação, como assinala o colunista Alberto Tamer, que deixa a América Latina exposta às incertezas do mercado internacional.

Remessa de juros como porcentagem da receita comercial

País	1982-83	1989	1995
Peru	27,3	23,0	32,1
Argentina	56,0	51,2	23,5
Brasil	50,1	29,2	21,9
Venezuela	21,3	26,6	15,6
Colômbia	26,3	21,7	14,4
México	42,5	28,2	14,0
Chile	44,2	18,5	7,5

Fonte: The Associated Press

